



MATÉRIA E CONSCIÊNCIA EM TEILHARD DE CHARDIN: DA COMPLEXIDADE À CONVERGÊNCIA

Mateus Kozechen¹

Rogério Miranda de Almeida²

RESUMO: As reflexões aqui desenvolvidas têm por objetivo analisar a hiperfísica de Teilhard de Chardin (1881–1955). Neste novo campo de estudo, o teólogo e paleontólogo francês busca uma compreensão do todo a partir de três leis básicas: a da complexidade/consciência, da irreversibilidade e da união. Além dos textos básicos do paleontólogo, nós nos baseamos também em pequenos estudos onde Teilhard de Chardin explora diferentes temas que, direta ou indiretamente, convergem para as análises que aqui desenvolvemos. Examinaremos, pois, os processos que permeiam as leis básicas acima elencadas, como também as estruturas que as sustentam. Dentre os conceitos fundamentais de Teilhard de Chardin relativos ao universo, nós acentuaremos aqueles que dizem respeito ao acaso, à estatística, às partículas elementares e ao centro-complexidade. São estas, portanto, as principais ideias que apresentaremos ao longo destas reflexões: a regulação do universo, a sua constituição e os caminhos que o percorrem até convergirem para um único ponto, o ponto ômega.

PALAVRAS-CHAVE: Teilhard de Chardin; Hiperfísica; Complexidade/Convergência; Acaso; Ponto ômega.

Como todo pensador, assim também Teilhard de Chardin tem sua própria terminologia, os seus próprios conceitos e a maneira de expressá-los. Isto deve ser levado em consideração, sobretudo, quando se tenta examinar um pensamento tão complexo como o do paleontólogo e teólogo jesuíta francês. O seu pensamento é desenvolvido, marcado, pontilhado e caracterizado por um movimento que, pouco a pouco, vai se explicitando, ampliando e aprofundando. Isto se verifica nomeadamente com relação aos

¹ Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Dr. Rogério Miranda de Almeida. E-mail: mateuszkozechen02@hotmail.com

² Doutor em filosofia pela Universidade de Metz, França, doutor em teologia pela Universidade de Estrasburgo, França, professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e de teologia sistemática no Claretiano – Centro Universitário. E-mail: r.mirandaalmeida@gmail.com

seus próprios conceitos. Efetivamente, os conceitos teilhardianos, como, de resto, os conceitos de todo pensador, vão se desenvolvendo, se aprofundando e se reinterpretando à medida em que avançam as próprias análises e a própria experiência da escrita.

Ao falar da *hiperfísica* teilhardiana, devemos levar em consideração a realidade toda inteira. Pois isto nos levará a melhor entender a complexidade da matéria no seu caminho de ascendência e convergência em direção à consciência que, continuamente se desdobrando e evoluindo, culmina no envolvimento de tudo em um único ponto ou, como o próprio paleontólogo o denomina, no ponto ômega. Ajuntemos, porém, que toda a hiperfísica teilhardiana é regida por todo um jogo de possibilidades, na medida em que a sua construção se dá por meio do acaso (*hasard*), vale dizer, mediante construções e destruições, ou mesmo por um fio contínuo e mecânico, mas onde podem também ocorrer pontos esporádicos e certos rompimentos que darão forma, distância e mesmo consistência ao que antes era apenas pensamento. É através destes jogos que o pensador mostra como se desenrolam as leis do universo e como cada uma delas pode ser aplicada no desenrolar de sua própria regulação e edificação.

Devemos também entender como este *dentro reflexivo*, que descreve Teilhard de Chardin, ganhou materialidade ou, mais precisamente, como o seu centro se expandiu e modelou todo o universo. Para isto, faz-se mister percorrer todo o caminho evolutivo teilhardiano, na sua estruturação e desenrolar básico, que se divide em: cosmogênese, biogênese, antropogênese e, por fim, noogênese, onde toda esta marcha culmina. Trata-se, pois, de um universo que se expande e tudo envolve através de um processo de atração e, também, de um centro que aumenta sua parte material e espiritual. São, na verdade, duas faces de um mesmo núcleo que caminham lado a lado, almejando convergirem e unirem-se ao ponto ômega. Vejamos, pois, como se desenrola a esfera da hiperfísica teilhardiana e como ela envolve as outras esferas, atraindo-as e pouco a pouco elevando-as em uma dinâmica de convergência.

1. A hiperfísica e as leis da convergência

Teilhard de Chardin tem uma visão integral do mundo e, assim, adverte que devemos distinguir e não separar as esferas da ciência, da filosofia e da teologia. Estes três campos se completam em uma visão total do homem, através da hiperfísica, conceito que exprime uma perspectiva global, uma síntese integral de união e convergência. Cada uma dessas esferas tem sua particularidade, no entanto, elas respeitam o método e o âmbito de estudo

das outras e, deste modo, formam uma espécie de circunvizinhança que interliga proporcionalmente o todo numa visão integral.³ Consequentemente, a hiperfísica se apresenta como um saber unificado em que as ciências humanas emergem através de um aumento espontâneo ou, como diz o próprio Teilhard De Chardin, através de um “ultra”. Trata-se daquilo que está sobre, acima, além, e que se traduz por um aumento natural das ciências naturais, filosóficas e teológicas como uma espécie de coroamento *sobrenatural* das ciências humanas.⁴ A hiperfísica teilhardiana é, pois, a ciência que estabelece uma ponte entre a física e a metafísica. Contudo, ele deixa claro que este estudo da hiperfísica não pretende ser nem uma física nem uma metafísica, mas uma síntese unificada de convergência das duas ciências.

Para melhor compreendermos a esfera da *hiperfísica*, precisamos adentrar alguns conceitos básicos que sustentam e compõe o arcabouço teórico teilhardiano. De fato, este estudo da *hiperfísica* se inicia com as ciências naturais, se desenvolve ao longo de suas interpretações e culmina nas ciências humanas. Vale antes de tudo lembrar que a *hiperfísica* é composta de três leis. A primeira lei diz respeito a duas modalidades fundamentais: a complexidade e a consciência. Vejamos, pois, primeiramente em que consiste a complexidade.

Ela se verifica na face material, “fenomenal”, da matéria, ou melhor, na parte tangível dos seres vivos. Esta face envolve um grande número de elementos – átomos, moléculas, células – e suas características materiais, como o peso, a extensão e os efeitos fenomenais. Ainda na mesma lei, e sem separar complexidade e consciência, mas antes distinguindo-as, vejamos em que consiste a consciência. Esta se apresenta como a face interior, desenvolvendo-se nas relações de qualidade que enobrecem e se unem graças a uma força sintetizadora – seja ela estatística, determinista, celular, reflexiva ou espiritual. Por sua vez, esta força vai além do campo físico, de algo não palpável. Pois a própria consciência não é materialmente mensurável; mensuráveis são antes os efeitos e processos que a permeiam e que, assim, surgem como fenômenos em nossa realidade.⁵

A partir da complexidade dessas partículas elementares, temos agora a lei de união, em que vemos de uma extremidade a outra desenrolar-se o processo de evolução; com

³ Cf. CHARDIN, Teilhard de. *Hiperfísica*. Trad. Jóca/Romano, outubro de 1970. Não publicado. Original em francês. Página irregular.

⁴ Cf. CHARDIN, Teilhard de. *Mundo, homem e Deus*. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 19.

⁵ Cf. CHARDIN, Teilhard de. *Centros e centro-complexidade*. Pequim, 13 de dezembro de 1944. Trad. Jóca/Romano, outubro de 1970. Não publicado. Original em francês. Página irregular.

isso, podemos afirmar que tudo se move no universo, mas no sentido de uma unificação. Graças ao processo de evolução no decorrer de milhões de anos, constatam-se espécies vivas que aumentarem sua face material. Isto se dá através de um processo contínuo de união, que alcança um maior grau de complexidade e posteriormente de perfeição.

Antes de tudo, devemos entender que a união – no sentido físico do termo – cria. Deste modo, se remontamos ao passado até o ponto de desunião completa no estofado do universo,⁶ deduziremos que não há nada. Contudo, onde a consciência surge e por si mesma dá um salto de crescimento e de união, ela faz também surgir a vida em um fluxo contínuo de partículas elementares que se aglomeram em centros reflexivos. Tais processos estão intrinsicamente ligados à lei contínua de um acréscimo de união.⁷

Este processo persiste no desenrolar da realidade, ele sai da zona esfumada de um passado de contingências, num fluxo contínuo de partículas dotadas de um centro pré-consciente e delineiam-se por um caminho contínuo de união sempre em frente. Esta ação ininterrupta de uma maior complexidade em sentido ascendente se dá graças à terceira lei da irreversibilidade. Este princípio se descobre como um infinito para frente, pois não podemos conceber a evolução dentro de uma esfera de inércia, porquanto ele necessita de um movimento. No campo físico, repita-se, as variações e mudanças acontecem em esferas de desdobramentos sempre em frente e cada vez mais complexos; por isso não há um retrocesso, pois a evolução é irreversível.⁸

Para melhor compreendermos a lei de irreversibilidade, demonstremos sua influência na formação e no modo de pensar da consciência. A consciência é o centro mais elevado de perfeição, comporta o teto de toda a evolução, ela se sabe criada e finita, mas, pelo fato mesmo de desenvolver uma espécie de grandeza indefinidamente perceptível, nunca se sacia consigo mesma. Isto leva a consciência a alimentar um aumento sempre crescente de seu entorno, numa busca incessante e sem limites por uma consciência sempre maior, e isto se aplica também a Deus. Psicologicamente, a consciência se nutre ao longo de toda a evolução. Por enquanto se entrevê a simples possibilidade de um limite, no sentido em que a consciência por si só cessaria automaticamente de agir e, conseqüentemente, se fecharia em um fim estabelecido por si mesma. Isto também aconteceria com a matéria

⁶ Teilhard entende por “estofado do Universo” o resíduo último que mostraram as análises cada vez mais aprofundadas da ciência. Trata-se de uma primeira partícula que teria dado início a toda a realidade que conhecemos e que uma tendência da ciência denomina *big bang*.

⁷ Cf. CHARDIN, Teilhard de. *Corolários e conclusões*. Pequim, 13 de dezembro de 1944. Trad. Jóca/Romano, outubro de 1970. Não publicado. Original em francês. Página irregular.

⁸ Cf. CHARDIN, Teilhard de. *Centrogênese*. Pequim, 13 de dezembro de 1944. Trad. Jóca/Romano, outubro de 1970. Não publicado. Original em francês. Página irregular.

se ela encontrasse algum limite que fizesse com que todo esse fluxo de partículas cósmicas encontrasse em seu caminho de ascensão algum tipo de interdito.⁹

Tal processo de complexidade que vemos desenrolar-se na realidade, com graus elevados de matéria e fusão fervilhante de corpúsculos, cresce e se entrelaça, formando não somente cadeias cada vez mais complexas e palpáveis, mas também apresentando um centro, um pequeno “dentro” reflexivo, que faz emanar fragmentos de um universo em contínua expansão. Vemos assim que tais grãos cósmicos não são apenas partículas que irradiam energia universal, ou apenas pontos de pré-vida estáticos; eles apresentam, ao invés, um desdobramento contínuo no desenrolar da linha de evolução. Antes de serem graus não visíveis, eles são pontos apenas enevoados, em direção de unidades cósmicas aumentadas que se aprofundam e se expandem proporcionalmente. Deste modo, eles se organizam e se edificam neste universo que nos circunda.

Essencialmente, devemos considerar que, em materiais elementares, o que mais importa não é o *fora* que se nos apresenta como sendo palpável, mas o *dentro* que é possível. Este *dentro*, que apresenta um maior grau de interioridade e centralidade, desdobra-se continuamente de forma estatística, ou seja, é um possível que, mesmo com um certo grau baixo de consciência, apresenta mudanças em seu interior que, em seguida, se refletem no mundo sensível. Vemos assim um infinito número de probabilidades e possibilidades que ganham consistência e delineiam um mundo palpável.

Para que tomemos em nossas mãos esse fio condutor, e de tal forma possamos nos guiar por entre este enorme número de coisas, devemos entender que sua ordenação não necessita mais ser mensurável na linha reta dos infinitamente pequenos para os infinitamente grandes. Agora ela deve seguir um novo eixo de ascendência do infinitamente simples em direção ao infinitamente complexo. Isto quer significar um *dentro* que diminui seu tamanho em comprimento e ganha maior número na sua complexidade; vemos assim revelar-se a existência de um movimento.¹⁰

Ora, não se pode pensar em um equilíbrio estático. Deve se considerar também a distribuição das estrelas, diz Teilhard de Chardin, também como suas diversas cores no cosmos e deduzir que elas revelam a existência de um movimento. Uma vez que este cosmos, seguindo seu eixo de centro-complexidade, segue em sentido crescente, vê-se

⁹ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

¹⁰ Cf. CHARDIN, Teilhard de. *Centros e centro-complexidade*. Pequim, 13 de dezembro de 1944. Trad. Jóca/Romano, outubro de 1970. Não publicado. Original em francês. Página irregular.

que ele não só aparece centrado por um eixo conjunto, mas que é também transpassado e movido por um fluxo de contração. Visto isso, o universo converge e as isosferas não são outra coisa, senão um sistema de ondas contínuas se comprimindo e se alargando no tempo e, além do mais, envolvendo o entorno do ponto ômega.

Após havermos brevemente examinado a formação da *hiperfísica* e o seu deslocamento de complexificação em pontos cada vez mais elevados de união, podemos, pois, concluir que a evolução não corresponde a uma passagem do homogêneo para o heterogêneo, mas que tal passagem acontece de um heterogêneo dispersado – desunido e desorganizado – para um heterogêneo organizado, unificado e sempre mais complexo e perfeito. Isto nos permitirá melhor entender a concepção teilhardiana de uma evolução do universo.

2. A evolução do universo segundo Teilhard de Chardin

Em face da temporalidade teilhardiana, tomemos os períodos de desenvolvimento e firmamento da matéria e da consciência. A evolução do universo toma a linha de vários períodos primordiais: cosmogênese, biogênese, antropogênese e noogênese. Neste caminho, há uma contínua evolução e um qualitativo enobrecimento das partículas elementares, até o nascimento da vida e o surgimento do *homo sapiens*. A consequência de seu aparecer, ou seja, o seu *fenômeno* penetra a construção histórica e culmina na noosfera que funciona como um teto de toda a evolução teilhardiana. Esses momentos evolutivos, que são uma sequência de fatores naturais e reações químicas, correspondem à ascensão do fenômeno humano, que desencadeiam o tempo e espaço. Tomemos, pois, o caminho da evolução e compreendamos cada período, enraizado no pensamento teilhardiano.¹¹

No princípio esfumado do estofô do universo, ocultado por trás de várias camadas amorfas, surge a *cosmogênese*. Este princípio, do qual emergiu tudo em um processo de ascendência, saiu da esfera informe e desordenada a partir da expansão das primeiras partículas elementares. Depois de um longo período, ele se enrolou e se desdobrou, até desembocar no aparecimento do planeta terra, um planeta também desfigurado, amorfo, que pouco a pouco, num fluxo de uma gênese incandescente e num segundo ponto de

¹¹ Cf. SANTOS, G. L. C. *A noosfera em Teilhard de Chardin: A história evolutiva do pensamento*. Dissertação (mestrado em filosofia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

resfriamento, foi se revestindo de vida: o brotar da vida, com as primeiras células, os organismos monocelulares e pluricelulares. Um fio ordenador, esculpindo um universo que pouco a pouco ganha forma e tamanho, se diversifica e se complexifica.¹²

Após este processo termodinâmico inicial, o universo começou a se modelar, num contínuo fervilhar de partículas, que se agitaram e se chocaram entre si, ocasionando o emergir de uma ordem. E isto fez com que esta névoa densa de nada abrisse espaço para a luz penetrar nestas partículas como um fluxo ou um processo de movimento irreversível de centro-complexidade. Elas começaram então a ganhar forma e vida, uma espécie de pré-consciência que se ia entrelaçando e se desdobrando em vida.

Surge então a *biogênese*, essa esfera de vida que se expressa em nosso planeta, dentro de variações, mudanças, anomalias e adaptações. Charles Darwin, em sua obra, *A evolução das espécies*, esclarece bem a formação e a constituição da vida em nosso planeta, a necessidade de adaptação e de mudança da vida, assim como a sua elevação em graus mais altos de perfeição. Tudo no universo tende a voltar-se para um caminho de ascendência e perfeição, uma necessidade inerente que encontramos nas células, um *dentro* que complexifica e se desdobra no físico.

Com o desenvolvimento da “árvore da vida”, é possível ver aparecerem fagulhas de um pensamento no crânio do *homo sapiens*. Surge a *antropogênese*, melhor ainda, um fluxo fervilhando de consciência nasce dentro do homem, um ponto reflexivo o envolve, fazendo este manter um contato direto e ativo com o mundo físico. Sobre este ele reflete e *introverte*,¹³ algo que volta para si e emana de si com mais força, sempre em graus crescentes, ascendendo em uma linha mais complexa e convergindo para um *telos*. Consequentemente, após sermos arrastados por mares fervilhantes de partículas, nos *concretizamos* e nos elevamos até alcançar a noogênese, fim último de toda convergência física e espiritual a que almejamos. Este é o “ponto-ômega”, que é imanente e transcendente, motor, modelador e consolidador da evolução.

Quanto à *noosfera*, o seu desvelar se dá a partir da consciência reflexiva do *homo sapiens*. Ela se refere à camada pensante da Terra. Teilhard de Chardin chega a tal compreensão ao analisar a parte súpero-anterior do encéfalo, descobrindo que esta, com o passar tempo, sofria um aumento e, assim, diferenciava-se dos outros animais. Esse

¹² Cf. *Ibid.*, p. 11.

¹³ O uso dessa palavra se explica pela junção da palavra “*intro*”, algo que se volta para dentro de si, e “*verter*”, algo que lança para fora de si, faz jorrar, transbordar sempre mais.

dentro se fazia mais complexo e mais perfeito, alcançando, pois, um ponto privilegiado de desenvolvimento e variação e edificando-se em estruturas sólidas.

3. O acaso, as variações estatísticas e os processos de centrogenêse

Todo esse desdobrar, avançar e transformar, segundo Teilhard de Chardin, tem duas forças que o impulsionam: o acaso e as variações de probabilidades estatísticas. É de suma importância mostrar sua influência na formação cosmológica e sintetizadora das partículas elementares para compreendermos como se dá o convergir material e espiritual em ascendência no todo.

Primeiramente, tomemos a palavra *acaso* – do grego, *tuché* – que significa azar, acaso, contingência, causalidade e acidente, e que Teilhard de Chardin define como sendo “os encontros imprevisíveis devidos ao jogo coletivo das forças cósmicas”.¹⁴ Tal ideia caracteriza um acontecimento, ou um concurso de acontecimentos, com relação àquilo que não podemos prever, nem mesmo querer. Também caracteriza os acontecimentos realizados pelas combinações indeterminadas de fenômenos independentes de causalidade.

Há também a palavra grega *autómaton*, cuja tradução expressa algo que se move por si mesmo, ou seja, aquilo que é espontâneo, natural e, portanto, autômato. Por vezes se usa este termo para significar o acaso, *le hasard* em francês, e que aponta para aquilo que está em oposição ao que é determinado a partir de fora, isto é, por uma causa exterior mais ou menos *previsível*. Neste último caso, porém, ele indicaria muito mais a ideia de algo que, de certo modo, estaria relacionado com o livre arbítrio.¹⁵

Mesmo assim, sabe-se que o acaso, referente ao grego naquelas duas acepções do termo, tem um único sentido, ou um único significando, aquilo que, justamente, acontece por acaso. Tais características de acontecimentos se verificam na lei dos grandes números. Esta lei, na visão de Teilhard de Chardin, designara a diferença imperceptível na causa e a grande diferença nos seus efeitos, pois a probabilidade de tal causa ser variável confirma a sua contínua função.

¹⁴ CHARDIN, Teilhard de. *A fê que opera: Um estudo dos “escritos do tempo de guerra”*. Lisboa: Portugalia. Editora, 1969, p.312.

¹⁵ Cf. REZEK, Romano (1970). *Um breve estudo do Pe. Romano Rezek: Do XVII volume de seus comentários sobre Teilhard de Chardin*, pp. 48-145. Texto original em húngaro.

Teilhard De Chardin não tem escritos específicos sobre o acaso, mas a grande quantidade de passagens que tratam deste tema poderia dar-nos uma ideia geral a seu respeito. Para o nosso estudo, é de grande importância entendermos tal concepção, pois ela serve de estofa para a formação do nosso universo. A partir das palavras do próprio Teilhard de Chardin, podemos ter uma melhor compreensão do que ele entendia pelo conceito de acaso no movimento e na condensação de um universo que se tornava presente, *concreto*. Assim:

O futuro parece entregar as forças do acaso. Todas as reservas ativas do mundo parecem empenhadas num jogo, que, por uma diferença de impulso infinitesimal (sem relação de grandeza com os resultados que daí advém) redundara no êxito ou no desperdício. Ora, qual o preço dessa partida, visto do nosso lugar, senão nos próprios?... Perante a impalpável atmosfera de probabilidades através das quais vai ser necessário sustermos-nos, e encontrarmos o nosso caminho...¹⁶

Em seguida, o paleontólogo fornece mais uma elucidação:

Como puderam, pois reunir-se inúmeros determinismos de que somos a interferência, e como se não desfazem, em cada momento da nossa vida? Que acumulação de encontros favoráveis, aumento em progressão matemática da sua improbabilidade não foi necessária para que se formasse a Terra, e se desenvolvesse a humanidade, e viesse ao mundo o misero que sou? Como foi necessário, ainda mais, manterem-se tensos os fios de que é tecida a minha existência, desde o início dos movimentos cósmicos até ao encontro dos meus pais... Olhando para trás, e para baixo, sentimos frequentemente a angústia de nossa extrema complexidade, e parece que vamos desintegrar-nos, de tal modo parecemos a nós próprios inverossímeis...¹⁷

Como envolver esse fluxo indeterminado de probabilidades contingentes que percorrem nossa realidade num jogo de acasos, incertezas e vicissitudes? Um impulso infinitesimal que não apresenta relação de grandeza, nem profundidade, um jogo que pode lograr êxito ou desperdício? Um fio condutor que se vai desenrolando, multiplicando e ramificando aos olhares dispersos e que parece confuso, abrumado; a olhos atentos, porém, ele ganha forma e perfeição. Para Teilhard de Chardin, nada do que é criado, mesmo por algum tipo de acaso, é uma anomalia, porquanto tudo o que é criado tem uma forma determinada e, por assim dizer, já terminada em si.

Até mesmo o paleontólogo se mostra espantado diante de um tal espetáculo, pois ele próprio pondera ao observar esta impressionante sutileza: “Uma infinidade de choques

¹⁶ CHARDIN, Teilhard de. *A fé que opera: Um estudo dos “escritos do tempo de guerra”*. Lisboa: Portugalia. Editora, 1969, não paginado.

¹⁷ *Ibid.*

possíveis que se podem produzir entre mim e os seres infinitamente numerosos e comprimidos que assediam o espaço em que vou embrenhar-me”.¹⁸ Como então tentar introduzir aqui um cálculo para compreender sua constituição, se esta vai se deslizando e, ao mesmo tempo, se evaporando e se condensando para novamente vir à tona? Trata-se, na verdade, de processos demasiadamente rápidos, traiçoeiros e inalcançáveis.

Segundo Teilhard de Chardin, o que nos resta a vislumbrar são traços inumanos deixados à deriva do espaço, que apenas são visíveis pelas inúmeras variedades de pulsões provocadas pelas leis de probabilidades. Assim como a deusa *Némesis*, tal é a ideia que podemos ter de nossa realidade, que se apresenta em graus cada vez menores de compreensão, cada vez mais duvidosos, num descontínuo número de vazios. Nesta perspectiva, surgem do abismo do estofado do universo as necessidades contingentes e os inúmeros determinismos que se entrecruzam formando assim um tipo de sustentáculo. Paradoxalmente, eles se associam entre si em perfeitas ordens numéricas, intercalando-se e entrelaçando-se em graus cada vez mais sólidos, de sorte que eles sustentam a nós mesmos e a todo o universo com os seus infinitos seres.¹⁹

Deste modo, verificamos esse fervilhar de possibilidades emergindo de um abismo, envolvidas de acasos, mas também de jogos padronizados que se produzem segundo parâmetros que os limitam em campos sempre mais estreitos e apertados. A vontade muitas vezes de um retrocesso é enorme, enorme também a possibilidade de reparar e reconstruir algum ponto em que houvera um rompimento indevido de escolha, uma fatalidade ou imprudência cometida. Mas o maior problema é, justamente, a impossibilidade de retroceder, pois nossa existência está encerrada no irreparável, na medida em que ela está aplicada e contida pela lei de irreversibilidade. Esta é a razão pela qual, na sessão seguinte, nós trataremos do acaso em referência e em conexão essencial com a lei dos grandes números.

4. O acaso e a lei dos grandes números

Efetivamente, neste campo de probabilidades surge o acaso de um grande número de determinismos reunidos, surgem também determinismos de segundo ordem surgem que nascem do encontro de todos os acasos. Estes determinismos funcionam como laços firmes e fortes, mesmo sujeitos a rompimentos fortuitos, mas que seguem sustentando o

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ Cf. *Ibid.*

todo. Mesmo sabendo da existência dos jogos de acasos e do rompimento operado por determinismos, não podemos nem ver, nem apreender como, em último instância, tudo isso se desenrola. Pois eles pairam nas entrelinhas da vida, como diz Teilhard de Chardin, que continuam a viver secretamente em mim. O máximo que podemos detectar são as possibilidades pairando nas entrelinhas da vida, são as vibrações que formam ondas no tempo contínuo, que são, certo, imperceptíveis, mas que conduzem toda a nossa vida num eterno jogo do qual não temos consciência.²⁰

Estes jogos de acasos apresentam-se estáveis, mas imprevisíveis. Como vimos anteriormente, na definição grega da palavra acaso, “*automaton*”, este é um processo contínuo, ou melhor, mecânico, mas que de forma indeterminada produz rompimentos, uma espécie de corte, que de forma fortuita interfere em nossa realidade e mais precisamente, em nossas ações. É o papel da *tuché*. Como Teilhard de Chardin afirma: “Estamos sujeitos às leis combinadas dessas fatalidades elementares”.²¹ De certo modo, tais tendências que se apresentam incorrigíveis e irreversíveis na natureza humana – incluindo as suas virtudes e os seus defeitos inatos e até mesmo o ritmo particular do desenvolvimento de cada indivíduo, como as doenças e a saúde – tudo isto está sujeito ao rompimento do *automaton*.²²

Com isso Teilhard de Chardin deixa claro que, pela ação livre desses conjuntos de determinismos, que são transitórios, somos envolvidos numa espécie de rede que, cada vez mais, vai se afinando e nos encerrando nas suas sujeições. Por isso, cada nova decisão tomada empurra-nos para um novo caminho e este se torna irreversível. Porém, todas essas linhas de conjuntos têm um denominador comum, que se impõe a nós: a obrigação única e fundamental de vivermos, mesmo que não tenhamos querido fazê-lo. Posteriormente, elas convergem para um mesmo centro inevitável: a morte.²³

A maior dificuldade, segundo Teilhard de Chardin, é a de como fazer surgir uma relação íntima entre qualidade e quantidade na formação do universo, visto que estes centros cósmicos se aprofundam e se expandem em função de uma complicação organizada. Contudo, segue-se que a perfeição do ponto ômega define-se por número N bem determinado de elementos engajados e entrelaçados na *centrogênese*. Para melhor

²⁰ Cf. CHARDIN, Teilhard de. *Unidade e grandes números*. Pequim, 13 de dezembro de 1944. Trad. Jóca/Romano, outubro de 1970. Não publicado. Original em francês. Página irregular.

²¹ *Ibid.*, p. irreg.

²² Cf. *Ibid.*, p. irreg.

²³ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

exemplificar isto, Teilhard de Chardin afirma que este número corresponde, antes de tudo, à soma primária de dois outros números, isto é, N1 e N2:

N1: o número de graus de pensamento finalmente incorporados no centro-complexo ômega; e

N2: o número de corpúsculos não refletidos necessários para obter N1, em conformidade com as leis do acaso e da vida.²⁴

Assim, deduzimos que o universo, tomado em sua totalidade, se concentra em duas principais fontes, uma de energia física e outra de energia psíquica, ambas, porém, em mútua relação, porquanto elas convergem para o ponto ômega. Como tentamos mostrar, tudo o que se encontra na *centrogênese* se banha do fluxo constante dessas duas energias convergentes. Então, como Teilhard de Chardin acentua, vemos que quantidade e qualidade crescem de isosfera em isosfera, na medida em que se sentem atraídas pelo ômega.²⁵ Vemos isto realizar-se não apenas pelo fato de haver uma grande concentração e, por fim, uma união de uma grande massa de corpúsculos que entram em ação no universo. Isto realmente se dá pela reação psíquica de um *dentro* em correlação com os grandes números no processo de centrogênese.

A energia psíquica luta constantemente contra as forças do acaso que reinam no campo físico. Ela pouco a pouco sobressai acima das forças do acaso, não que ela elimine as forças do acaso, mas delas se utiliza para a seu favor, seja no desenvolver dos determinismos regulares – forças das leis físico-químicas, leis estatísticas – seja para criar combinações improváveis que se desencadeiam por fios ligados entre si, contínuos e repetidos.²⁶

Com isso, pudemos verificar como é notável a estrutura dos seres vivos e como sua liberdade se manifesta dentro de um círculo fechado. Círculo este que Teilhard de Chardin delimita como sendo dotado de determinismos físico-químicos e fisiológicos e que, ao olhar despercebido ou superficial, não pode ser notado, pois se trata de um mecanismo circular complicado, que seria a face mecânica do centro-complexidade.²⁷

Contudo, como explicar um universo que apresenta um círculo fechado ou mesmo uma face mecânica de centro complexidade? Como este produz tão grande variedade de vida a nosso redor, variedade esta que se multiplica e se ramifica sempre mais, ganhando

²⁴ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

²⁵ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

²⁶ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

²⁷ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

individualidade, densidade e maleabilidade? Isto se explica, dirá Teilhard de Chardin, pelo fato de a centrogênese ter a necessidade de estar sempre se renovando em todos os níveis de sua complexidade. E ele continua afirmando que tal manifestação acontece graças ao “método de tenteio”, ou seja, à combinação dos jogos do acaso (físico) e da finalidade (psíquica), ambos trabalhando sobre os grandes números inorganizados, numa passagem contínua, desenrolando-se onde o acaso se espreita, apanhando nesta passagem os acasos mais favoráveis, desdobrando tais energias psíquicas em partículas elementares.²⁸

Isto faz surgir o papel dos inúmeros entrelaçamentos de “tenteios” ou de “ensaios” da vida, isto é, o modo como os átomos se agitam, arremessados por um turbilhão de forças psíquicas em todos os sentidos. Mas a maneira como esse *enxame* de átomos se sente atraído pela luz? É que os corpúsculos centrados se apertam, de certa forma, em todos os seus ângulos num caminho sempre em frente; eles encontram uma fissura na isosfera, de sorte que a multidão de átomos passa e se dispersa sobre as próximas isosferas num processo sempre em frente, desdobrando-se em partículas elementares mais perfeitas e mais circunscritas, e sempre mais fechadas. Todavia, a convergência não acontece a não ser por meio das divergências, pois na ordem nada se cria; o que acontece é o rompimento dessa ordem contínua e mecânica, e é neste processo que emerge algo novo, ou seja, são as divergências que permitem que a vida tudo ensaie e tudo experimente.²⁹

Com isto, podemos focalizar a natureza e as ligações da matéria e do espírito. Estes são considerados como sinônimos: a matéria indicando a multiplicidade e o espírito, a consciência indicando a unidade. Mas não são duas coisas heterogêneas, muito menos antagônicas, pois elas são ligadas entre si por forças intensas e afetadas por um constante atrito. Por si só, matéria e consciência formam uma relação genética (centrongênese), que faz com que centriedade (unidade) e complexidade (múltiplo) dependam mutuamente um papel, uma função. As duas faces do real, material e espiritual, fazem com que ambas se atraiam necessariamente e se completem. Como elucidado por Teilhard de Chardin: trata-se de duas faces de um mesmo objeto, ou melhor, de um mesmo movimento.³⁰

Agora, se tratarmos as partículas elementares como simplesmente uma “coisa”, sem nem um vestígio de consciência, ou mesmo de espontaneidade, logo a matéria não iria existir. Isto se daria pelo fato de não haver um *dentro* em movimento e não existir a

²⁸ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

²⁹ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

³⁰ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

capacidade de ter uma pré-consciência que possibilite de forma espontânea a mudanças no *fora*. Mesmo notando nos corpúsculos vivos uma espécie de curvatura, devemos pensar numa atração e também na aparição de uma liberdade e, por fim, de um *dentro*. Assim podemos compreender o que Teilhard de Chardin entende por determinismos físicos, pois ele declara: “Os determinismos físicos (leis) nada mais são do que efeitos dos grandes números, isto é, da liberdade materializada”.³¹ Esta materialização que se dá pela estatística do chamado *Weltstoff* – o estofa do universo – é toda ela marcada pela zona dos centros fragmentários. Esta zona fragmentária apresenta um *dentro* de infinitamente numerosas e infinitamente espontâneas realidades.³²

Contudo, não se pode negar que o espírito se forma gradualmente por simples efeito de polarização ou adição, na medida em que, por si, ele só se encontra engajado na centrogênese, que é totalmente inata, sem adição alguma. O fator de multiplicação dos centros não se aplica à consciência, pois esta é inata; em contrapartida, o efeito de centro-complexidade faz com que os núcleos refletidos sejam os únicos capazes de adicionar algo de novo e, assim, caminhar para o ômega. Este centro-complexidade é a fração irreversível do universo espiritualizado.³³

Para melhor entendermos essa questão, Teilhard de Chardin faz uma divisão desta evolução apresentando-a em duas superfícies, uma de centração e outra de reflexão. Ele afirma também que tais superfícies permitem distinguir uma zona “inanimada”, uma zona “viva” e uma zona “pensante” do estofa do universo. Contudo, ele assegura que estas divisões são apenas secundárias, pois nada mais fazem essas zonas senão envolverem um meio psíquico. Este meio psíquico está submetido às transformações gerais da centrogênese e forma, por assim dizer, o teto que, ainda assim, continua marchando rumo ao ômega.³⁴

Conclusão

Estas reflexões nos levaram a deduzir que Teilhard de Chardin buscava envolver todas as esferas de saber aptas a permitirem uma melhor compreensão de seu universo e de tudo aquilo que o caracteriza fundamentalmente: a consciência, a complexidade, a

³¹ *Ibid.*, p. irreg.

³² Cf. *Ibid.*, p. irreg.

³³ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

³⁴ Cf. *Ibid.*, p. irreg.

convergência, o ponto ômega, etc. De resto, todo o seu estudo se desenrola por linhas de complexificação e variação do acaso num jogo de possibilidades que pouco a pouco se desdobram pelo horizonte. Este jogo está sempre à frente, ocasionando sorte, acaso, crescimento e evolução, num processo irreversível.

Trata-se de um universo que saiu de sua zona esfumada, ou mesmo de vazios intermináveis, pôs-se a unir-se e depois a dar forma a tudo que nos circunda. Pouco a pouco ele vai trilhando um caminho certo, sempre mais complexo e perfeito, almejando sua ascendência ao todo e, por fim, ao ponto ômega. Com isso, podemos admirar a perfeição do universo. Mas quando falamos em perfeição, não se trata de algo que já chegou ao fim de evolução; ela é antes uma perfeição que se mostra na forma de como este universo se desenrola, ou seja, como um *dentro* que é possível se desdobra no físico, furando pouco a pouco o tempo o espaço e dando matéria ao que era imaterial. Com isto, ele faz igualmente brotar a vida em nosso planeta, delineando cada traço, cada variação e até mesmo cada anomalia, na mais perfeita das possibilidades. A perfeição está nas pequenas variações e na necessidade de mudança, está em algo que brota do mais íntimo de todas as partículas elementares, saindo de uma zona finita e aspirando à convergência no infinito.

Referências

CHARDIN, Teilhard de. *Hiperfísica*. Trad. Jóca/Romano, outubro de 1970. Não publicado. Original em francês.

CHARDIN, Teilhard de. *Mundo, homem e Deus*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CHARDIN, Teilhard de. *Centros e centro-complexidade*. Pequim, 13 de dezembro de 1944. Trad. Jóca/Romano, outubro de 1970. Não publicado. Original em francês.

CHARDIN, Teilhard de. *Corolários e conclusões*. Pequim, 13 de dezembro de 1944. Trad. Jóca/Romano, outubro de 1970. Não publicado. Original em francês.

CHARDIN, Teilhard de. *A fé que opera: Um estudo dos “escritos do tempo de guerra”*. Lisboa: Portugalia Editora, 1969.

SANTOS, G. L. C. *A noosfera em Teilhard de Chardin: A história evolutiva do pensamento*. Dissertação (mestrado em filosofia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

REZEK, Romano (1970). *Um breve estudo do Pe. Romano Rezek: Do XVII volume de seus comentários sobre Teilhard de Chardin*. Não publicado. Original em húngaro.